

# A cultura e religiosidade do congo capixaba<sup>1</sup>

*The culture and religiosity of the Capixaba Congo*

*Douglas Pinheiro Costa<sup>2</sup>  
Thiaya Freitas de Mattos<sup>3</sup>*

**Resumo:** Este ensaio tem por objetivo compreender a cultura do Congo Capixaba e as relações existentes entre a religiosidade presente na manifestação popular do estado do Espírito Santo. Esta pesquisa bibliográfica levanta informações a respeito da história desta manifestação, suas raízes culturais indígenas e afro-brasileiras, características peculiares como os instrumentos e vestimentas, as funções e papéis dos participantes, personagens folclóricos e as principais festividades da região metropolitana que transitam entre o sagrado e o profano.

**Palavras-chaves:** Cultura, Congo capixaba, Religiosidade.

**Abstract:** This essay aims to understand the culture of the Capixaba Congo and the existing relations between the present religiosity in the popular manifestation of the state of Espírito Santo. This bibliographical research raises information about the history of this manifestation, its indigenous and Afro-Brazilian cultural roots, peculiar characteristics such as the instruments and dresses, the function and roles of the participants, folkloric

---

Artigo recebido em: 10 out. 2017

Aprovado em: 18 dez. 2017

<sup>1</sup> O presente artigo faz parte dos estudos sobre o “Preconceito religioso e o Congo Capixaba nas Aulas de Artes”, tema da pesquisa de mestrado em Ciências das Religiões do mestrando Douglas Pinheiro Costa.

<sup>2</sup> Graduado em Licenciatura e Bacharelado em Educação Artística pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e Mestrando em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória – FUV.

<sup>3</sup> Graduada em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Faculdade Salesiana de Vitória - ES.

characters and the main festivities of the metropolitan region that transit between the sacred and the profane.

**Keywords:** Culture, Congo, Religion, Religiosity.

## Introdução

O desenvolvimento das relações humanas se desenvolve através de linguagens, sejam elas gestuais, orais, escritas ou visuais. Essa capacidade de estabelecer diálogos e repassar informações promove a aquisição e troca de conhecimentos. Em uma sociedade organizada, o conjunto de conhecimentos são chamados de cultura. Tylor define a cultura como “todo complexo que inclui conhecimentos, as crenças, a arte, a moral, as leis, os costumes ou qualquer capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.<sup>4</sup>

A cultura popular é o resultado de interações entre pessoas de uma determinada região, tendo grande importância na formação da identidade cultural de um povo e surge das tradições, da oralidade e costumes transmitidos através das gerações. De acordo com Laraia a cultura não é estática, ela é dinâmica e está suscetível a mudanças.<sup>5</sup> Esses aspectos estão presentes na formação do Congo no Estado, que observaremos mais adiante.

O Congo Capixaba é a uma manifestação popular tradicional e significativa no estado do Espírito Santo.<sup>6</sup> Essa expressão cultural é marcada pelo ritmo musical que usa instrumentos peculiares, cantos, danças e trajes típicos. Assim como a formação cultural do povo brasileiro, esta manifestação possui influências das três principais matrizes culturais brasileiras: A indígena, a europeia e a africana.<sup>7</sup> O professor, escritor e folclorista Guilherme dos Santos

---

4 TYLOR, Edward Burnett. *Primitive culture: researches into the development of mythology, philosophy, religion, language, art, and custom.* London: Murray, v. I. 1920. Disponível em: <<https://archive.org/stream/primitiveculture01tylouoft#page/n17/mode/2up>>. Acesso em 13 fev. 2016.

5 LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 11 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 100.

6 GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. *Folclore*. Vitória: c2015. Disponível em: <<http://www.es.gov.br/EspiritoSanto/paginas/folclore.aspx>> Acesso em: 06 dez. 2015.

7 NEVES, Reinaldo Santos (Org.). *Coletânea de estudos e registros do folclore capixaba: 1944-1982*. v.2. Guilherme Santos Neves. Vitória: Centro Cultural de Estudos e Pesquisas do Espírito Santo, 2008. p. 69.

Neves aponta essas características em suas pesquisas sobre o folclore capixaba: Dos índios, a manifestação se apropriou de alguns instrumentos como os guararás/tambores, a casaca e manacás/chocalhos. Eles influenciaram as características peculiares na musicalidade da expressão cultural. Dos negros, as mais significativas influências, como a idealização e realização de festejos populares, a designação dos instrumentos, no ritmo, na dança, no nome da manifestação e na inclusão de novos instrumentos como a cuíca. Com essas contribuições, o Congo se estabelece como uma manifestação e identificação cultural de origem Afro-brasileira com suas raízes também associadas com as congadas. A contribuição do europeu português, através da religiosidade católica e na forma de dança, além da própria língua.

O Congo capixaba é caracterizado por um ritmo alegre e dançante marcado pela batida de tambores e energia dos congueiros. A execução das toadas é acompanhada por um espetáculo visual do tremular de bandeiras e estandartes juntamente com o bailado das mulheres que, com suas saias rodadas e compridas, dançam em movimentos circulares e cantam em segunda voz. Porém, são nas festividades religiosas que a manifestação tem seu ápice expressando a cultura e devoção dos praticantes, quando se prestam homenagens a santos católicos como São Benedito, São Pedro, São Sebastião e a Nossa Senhora da Penha. O desconhecimento histórico das raízes culturais e religiosas da manifestação ou do primeiro contato com essa cultura, por vezes, levam a questionamentos se o Congo Capixaba é uma expressão cultural ou é uma prática religiosa. Abordaremos adiante as relações existentes entre a manifestação popular e os aspectos religiosos.

## **1. Cultura popular e identidade**

Para o antropólogo Edward Tylor, a cultura é um conjunto de aspectos aprendidos que o ser humano adquire ao longo de sua existência através dos contatos sociais.<sup>8</sup> Os aspectos podem estar ligados às formas de linguagem como a comunicação verbal, gestual ou visual, ao conjunto de conhecimentos e saberes, também no modo de vestir, nas expressões artísticas e nas relações estabelecidas através dos valores, normas e condutas.

É através das manifestações culturais de um povo que podemos conhecer sua história e sua forma de pensar, fato que reflete o modo como ele se vê e

---

<sup>8</sup> TYLOR, 1920, p. 1.

percebeo mundo. A partir disso, se dá o processo de identificação cultural, onde o conhecimento transmitido pela comunidade é somado aos saberes vivenciados pelo próprio indivíduo.<sup>9</sup>

A identidade cultural é o sentimento de pertencimento a um determinado grupo social ou que se identifica por meio de uma cultura própria. Esse sentimento pode ser determinado por diversas características como a localização geográfica, nacionalidade, idioma, história, gênero, raça, etnia, orientação sexual ou crença religiosa.

A identidade cultural é um conjunto vivo de relações sociais e patrimônios simbólicos historicamente compartilhados que estabelece a comunhão de determinados valores entre os membros de uma sociedade. Sendo um conceito de trânsito intenso e tamanha complexidade, podemos compreender a constituição de uma identidade em manifestações que podem envolver um amplo número de situações que vão desde a fala até a participação em certos eventos.<sup>10</sup>

A identidade cultural poder ser entendida como a apropriação de um conjunto de manifestações com características típicas e específicas que são incorporadas culturalmente aos valores e hábitos adotados por determinado sujeito, comunidade ou povo. É um processo em movimento contínuo de construção através de trocas e assimilações. Dessa forma,

[...]o homem é resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento

---

<sup>9</sup> SILVA, Patrícia Santos; LOUREIRO, Andressa Maria Rodrigues. Carnaval de Congo de Roda D'água: cultura e memória de um povo. In: II Encontro Regional dos Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência e Gestão da Informação - II EREBD SE/CO/SUL, 2015, São Carlos. *Anais...* São Carlos: UFSCR, 2015. p. 162. Disponível em: <<http://www.2erebd.ufscar.br/index.php/erebd/erebd/paper/view/47>>. Acesso em: 27 mar. 2016.

<sup>10</sup> XAVIER FILHO, José Luiz. Identidade negra no contexto pós-colonial: Construção do sujeito negro. VII Simpósio Nacional de História Cultural – “Escritas, Circulação e Recepções”. 2014, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Universidade de São Paulo - USP, 2014. p. 1. Disponível em: <<http://gthistoriacultural.com.br/VIIsimposio/Anais/Jose%20Luiz%20Xavier%20Filho.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam.<sup>11</sup>

A identidade cultural capixaba é representada principalmente pelos aspectos geográficos, da herança cultural dos colonizadores, dos imigrantes, dos negros e dos povos indígenas, da culinária, das manifestações populares, das expressões musicais e artísticas. Garcia expressa esse imaginário da identidade capixaba:

[...] o Espírito Santo pode participar do imaginário nacional, simbolizado de alguma forma, (pela panela de barro e a moqueca capixaba, pelo batuque do congo, pelo marlim-azul do nosso litoral, pela religiosidade presente nas festas populares, pelas montanhas de clima europeu ou pela receptividade dos seus habitantes) [...]<sup>12</sup>

Patrimônio cultural é o conjunto de bens culturais de um povo, que podem ser materiais ou imateriais, também chamados de intangíveis.

O Patrimônio Cultural Imaterial ou Intangível compreende as expressões de vida e tradições que comunidades, grupos e indivíduos em todas as partes do mundo recebem de seus ancestrais e passam seus conhecimentos a seus descendentes.<sup>13</sup>

A cultura popular, que pode ser representada tanto em meios materiais (âmbito concreto) como também imateriais (âmbito abstrato), é a manifestação em que o povo produz e participa de forma ativa. Não necessita de meios sofisticados de divulgação ou estudos complexos e eruditos. Expressa pelos costumes e tradições, ela é transmitida de forma oral através das gerações, essa característica folclórica carrega uma didática que não depende de metodologia ou tempo regular, mas transmite saberes de forma

---

<sup>11</sup> LARAIA, 1996. p. 46.

<sup>12</sup> GARCIA, A. L. *A identidade capixaba em questão: uma análise psicossocial*. Psicologia & Sociedade, Belo Horizonte: Associação Brasileira de Psicologia Social, v. 16, n. 3, 2004. p. 89. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v16n3/a10v16n3.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2016.

<sup>13</sup> UNESCO. *Patrimônio Cultural Imaterial*. Brasília: c2016. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/intangible-heritage/>> Acesso em: 26 mar. 2016.

espontânea. “Em folclore aprendemos por necessidade, por vontade de participar de algo, porque percebemos que somos parte do grupo, da sociedade em que vivemos”.<sup>14</sup> No estado do Espírito Santo, uma tradição popular que expressa uma característica de identidade cultural é o Congo Capixaba.

Em 2014 o governo do Estado oficializou o congo como o primeiro patrimônio imaterial do Espírito Santo, pois o ritmo é considerado essencial na cultura do Estado. De acordo com a Constituição Brasileira, quando um bem é reconhecido como patrimônio imaterial, o Poder Público passa a ter maior responsabilidade na promoção, preservação e proteção do objeto cultural.<sup>15</sup>

## 2. Origens: das congadas ao congo capixaba

Dentre a grande variedade de festejos populares no Brasil, se destaca uma expressão cultural de origem africana. A festa de Congada ou Congo é uma representação da coroação de um rei do africano. Sua origem deriva das irmandades religiosas. Essas irmandades eram associações de cooperação e ajuda entre povos de mesma origem. Conforme explicam Bruym e Martins:<sup>16</sup>

Essas associações cumpriam várias obrigações para com seus associados, desde a diversão e devoção a um santo protetor, até a morte do associado, concedendo a este um enterro digno. Como qualquer outra associação, os associados também tinham suas obrigações para com a Irmandade, sendo a principal delas uma soma que era paga pelo futuro associado mensalmente ou uma doação que era feita no valor equivalente a esta soma.<sup>17</sup>

---

<sup>14</sup> GUIMARÃES, 2002, apud GARCIA, 2004, p. 89.

<sup>15</sup> SILVA; LOUREIRO, 2015. p. 165.

<sup>16</sup> BRUYM, Maria José Carmo Alves de; MARTINS, Lizete Caires Barros. *Festa da Banda de Congo de São Benedito de Piranema Cariacica: Transição do século XX ao XXI e sua representação para a comunidade local*. 2010. 72p. Trabalho de conclusão de curso (monografia) – Graduação da Licenciatura em História. Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Teixeira de Freitas, 2010. p. 16.

<sup>17</sup> BRUYM; MARTINS, 2010, p. 16.

De acordo com Bruym e Martins, os negros então escravizados durante o período do Brasil Colônia se uniam em torno dessas irmandades, algumas celebravam suas origens e tradições. Somada a religião católica, os ritos africanos praticados pelas irmandades tornaram a celebração uma festa profano-religiosa, ou seja, era um festejo organizado fora do espaço e controle da igreja, vindo da camada marginalizada dos escravos, que incorporaram os rituais e santos da religião cristã, de certa forma imposta pelos europeus, que não aceitavam outra religião a não ser a deles, e adaptaram para sua realidade como uma forma de fortalecimento, união e resgate do povo africano para com suas origens.

A manifestação da Congada ressalta o contato do povo africano com os portugueses e a conversão da corte do Reino do Congo ao cristianismo. Depois do batismo e conversão da corte, houve uma grande festa em comemoração que é realizada todos os anos. No Brasil, a tradição foi mantida através das irmandades e quilombos que realizavam a eleição do rei negro, “meios significativos de construção de novas identidades e de socialização”.<sup>18</sup>

O Congo capixaba tem particularidades que o distingue das Congadas, porém percebemos que as raízes da manifestação se aproximam das descrições citadas acima principalmente as relativas às irmandades de devoção a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito, o santo negro.<sup>19</sup>

Os poucos registros históricos sobre a origem do Congo Capixaba são mencionados na coletânea de estudos do professor e historiador Guilherme dos Santos Neves, um estudioso e amante do folclore capixaba. Em seus estudos, ele menciona o relato do Padre Antunes de Serqueira no Livro *Esboço histórico do povo espírito-santense* que descreve uma primitiva formação de banda de congo integrada por índios mutuns do Rio Doce. O autor cita a viagem em 1858 do viajante francês Auguste François Biard que descreve a vila de Santa Cruz, atual município de Aracruz, o encontro com uma manifestação de Congo.

No relato, conta-se o encontro do autor com indígenas por ocasião da festa de São Benedito: à frente o "capitão" com bastão enfeitado; depois o portador da imagem do Santo; as velhas devotas que dançavam "*le cancan*" em torno da imagem e, por fim, os músicos e instrumentos: uns batendo tambor, "pequeno tronco de árvore, oco, coberta uma das extremidades por um pedaço de pele ou

---

<sup>18</sup> BRUYM; MARTINS, 2010, p. 20.

<sup>19</sup> BRUYM; MARTINS, 2010, p. 20.

couro de boi", e outros "rascando, com um pequeno bastão, um instrumento feito dum pedaço de bambu denteado de alto a baixo".<sup>20</sup>

Os relatos de Neves também mencionam a viagem de Dom Pedro II ao Espírito Santo em 1860. Interessado pela cultura, o imperador fez anotações e registrou através de desenhos o instrumento usado pelas bandas e a nossa adaptada casaca, chamou-a "cassaca".<sup>21</sup> Também relata que a contribuição dos negros nas bandas as deixou mais alegres e descontraídas. Para ele, "essa intromissão do elemento negro no folgado ameríndio e que deu agitação e vida ao conjunto musical e dançante".<sup>22</sup> Em seus estudos, Neves enfatiza a origem indígena da manifestação. No entanto José Elias dos Santos observa outra consideração importante ao abordar os estudos de Maciel:

O Historiador Cleber Maciel traz outras informações de absoluta relevância que devem ser levadas em consideração. Maciel conta-nos que em 1854, um congo se apresentou numa festa que se realizava em Queimados, no município de Serra, antecedendo então em alguns anos as apresentações realizadas por índios mutuns e relatadas por Santos Neves. São José de Queimados era um importante centro de articulações políticos de escravizados, tendo sido palco de uma revolta escrava, que eclodiu em 19 de março de 1849. Ainda em 1854 fora sancionada, em Nova Almeida – vilarejo próximo tanto de São José de Queimados quanto da localidade onde tocavam congos os índios mutuns – a postura nº 3, que proibia os batuques, as danças e os ajuntamentos de escravizados.<sup>23</sup>

Ao citar esse festejo em Queimados e a proibição da Postura nº 3 em data anterior aos relatos de Santos Neves, a afirmação que as Bandas de Congo têm origem exclusiva entre os índios se torna incerta. Igualmente a devoção a São Benedito, expressa pelos congueiros capixabas, mesmo entre os indígenas citados pelo francês *Auguste François Biard* assemelha-se aos festejos de Congadas promovidas pelas irmandades dos pretos.

---

<sup>20</sup> NEVES, 2008, p.70.

<sup>21</sup> NEVES, 2008, p.70.

<sup>22</sup> NEVES, 1980, *apud* ROLDI, 2014, p. 31

<sup>23</sup> MACIEL, 1992, *apud* SANTOS, 2013, p. 65-66.



Na tradição oral dos mestres de Congo, as bandas de congos surgiram de um naufrágio de um navio negreiro, próximo à vila de Nova Almeida município da Serra no Espírito Santo. Deste naufrágio, salvaram-se aproximadamente vinte e cinco escravos que se agarraram no mastro do navio. Neste navio, havia uma imagem e bandeira de São Benedito e os sobreviventes atribuíram ao santo o livramento da morte.<sup>24</sup> Em agradecimento ao santo, os náufragos prometeram organizar uma festa. Assim surgiu a Festa de São Benedito e com ela os rituais de cortada e fincada de mastro, que simboliza o mastro que salvou os escravos. Também é realizada nessa época uma procissão com um barco chamado de Palermo em homenagem a cidade natal do santo, que é enfeitado e puxado por um cipó pelas ruas da cidade. Este representa o navio negreiro. Dessa forma, foi organizada a festa e a primeira banda de Congo.<sup>25</sup>

### 3. Características peculiares do congo capixaba

Apesar das raízes em comum, o Congo Capixaba se difere da Congada por suas peculiaridades. Enquanto a Congada é expressa por um bailado dramático marcado pela encenação, o Congo Capixaba é uma expressão musical e de dança de forma mais espontânea. As duas manifestações populares expressam a devoção dos praticantes através de cantos religiosos. Entretanto, a cultura de Congo Capixaba não se prende apenas a religiosidade dos praticantes. Nas toadas, músicas cantadas pelos praticantes de Congo, também são expressas “[...] cantigas que falam do amor, da morte, do meio ambiente, da vida”<sup>26</sup>.

---

<sup>24</sup> MACEDO, Inara Novaes, *A espetacularização do congo no Espírito Santo*, Revista do Colóquio de Arte e Pesquisa do PPGA-UFES, ano 3, v.3, n. 7, dezembro de 2013. p. 94. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/colartex/article/view/7686/5479>>. Acesso em: 27 mar.2016.

<sup>25</sup> ASSOCIAÇÃO DE BANDAS DE CONGO DA SERRA. *Festas*. Serra: c2013. Disponível em: <<http://www.abcerra.org.br/festas.html>> Acesso em: 13 jan. 2016.

<sup>26</sup> FREITAS, Dagmar Alves de. *O Carnaval de Congo de Roda d'Água*. 2007. 189 f. Dissertação de (mestrado) - Curso de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Administração e Comunicação da Universidade se São Marcos. São Paulo, 2007. p. 159.

Cantos de homenagens, de exaltação a bucolismo da vida no campo ou do litoral com cantigas sobre pescadores e marinheiros.

É comum observar referências ao congo e congada como uma mesma manifestação. Todavia, quando se trata de Congo e Congada no Espírito Santo, estamos falando de manifestações distintas, em que o Congo se caracteriza diferentemente dos demais Estados cujas manifestações recebem nomes semelhantes. No entendimento das palavras, nos símbolos e significados, congo e congada são duas coisas infinitamente diferentes para os capixabas. De maneira bastante simplificada, poderíamos dizer que Congo, ou Banda de Congo, é um grupo de pessoas que se unem em torno dos tambores, tocam instrumentos, dançam e cantam melodias amorosas, religiosas ou simplesmente de brincadeira, algo caracteristicamente da cultura do Espírito Santo.<sup>27</sup>

As bandas de congo são conjuntos comandados por um mestre ou capitão, que rege músicos, cantadores e dançarinas. Em média, cada banda apresenta entre 10 a 25 integrantes fixos.<sup>28</sup> Outra característica é o uso de uniforme e de instrumentos típicos. Os principais instrumentos são o tambor de Congo, bumbo ou caixa, casaca ou reco-reco, cuíca, chocalho, triângulo, buzina e apito (utilizado pelo mestre no início e término das toadas). A confecção dos instrumentos segue rituais que vão desde o corte da madeira (segundo a tradição dos mestres que afirmavam influência na força e elasticidade do material devido à lua), da pintura, da retirada do

---

<sup>27</sup> SOUZA, Edileuza Penha de. *Tamborizar: história e afirmação da autoestima das crianças e adolescentes negros e negras através dos tambores de congo*. 2005. 190 f. Dissertação de (mestrado) - Departamento de Educação no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Teixeira de Freitas, 2005. p. 120. Disponível em: <[http://www.cdi.uneb.br/pdfs/educacao/2005/eileuza\\_penha\\_de\\_souza.pdf](http://www.cdi.uneb.br/pdfs/educacao/2005/eileuza_penha_de_souza.pdf)>. Acesso em: 20 fev. 2016.

<sup>28</sup> SANTOS, José Elias Rosa dos. Processos organizativos, memória e identidade: etnografia e história da transmissão cultural do congo em uma comunidade afro-brasileira-Cariacica (ES). In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS. 2011, Vitória. *Anais...Vitória*: UFES, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/SNPGCS/article/view/1475>> Acesso em: 26 mar.2016.

couro (boi ou cabrito) até a afinação dos tambores (aquecidos no fogo ou ao sol).

Cada vez que o congo vai sair, ou se apresentar, acende-se uma pequena fogueira e os tambores são postos em forma de círculo; esse ritual, que aparentemente acontece apenas pela necessidade de aquecer e afinar os Tambores de Congo, está carregado de símbolos, energia e poder emanados do fogo.<sup>29</sup>

Os tambores são produzidos artesanalmente com troncos de árvores ou com a reutilização de barris de bebidas. “O instrumento mais contagiante é o *tambor de congo* que é confeccionado com um barril sem frente e fundo com uma das partes tapadas com pele de carneiro. Os tocadores deste instrumento são os principais responsáveis pelo ritmo da banda”.<sup>30</sup> A buzina é uma espécie de megafone onde a voz fica concentrada. Ela é utilizada pelo mestre de congo para puxar as toadas. O chocalho, feito de metal, tem formato cilíndrico e em seu interior, peças de chumbo produzem o som. O triângulo é um instrumento idiofone de metal em forma de triângulo.<sup>31</sup> A casaca é um tipo de reco-reco de madeira esculpida artesanalmente como formato de cabeça e pescoço, simulando o corpo de uma pessoa. Um dos lados da parte correspondente ao corpo possui talhos transversais (que lembram as costelas de uma pessoa). É tocada raspando a vareta sobre os frisos do corpo do instrumento.<sup>32</sup> Esse atrito produz um som único, um timbre característico que dá individualidade ao instrumento. Uma versão lendária no estado que também é contada por alguns mestres de Congo, nela diz que a casaca foi passada dos índios para os escravos e que os mesmos seguravam firme o pescoço do instrumento como se estivessem enforcando os senhores que lhe tivessem feito mal e tocavam como se estivessem machucando as costelas de seus patrões. Uma banda de Congo também usa cuícas, “confeccionada como um tambor de congo, mas com uma vareta fixada internamente onde se esfrega um pedaço de estopa molhada. O som da cuíca é bem grave, comumente chamado de ronco”.<sup>33</sup>

As músicas executadas pelas bandas são chamadas de *Toadas*. As canções têm melodias simples e monótonas, com estrofe e refrão

---

<sup>29</sup> SOUZA, 2005, p. 114.

<sup>30</sup> SANTOS, 2011, p. 5.

<sup>31</sup> FREITAS, 2005, p. 152.

<sup>32</sup> SANTOS, 2011, p. 5.

<sup>33</sup> SANTOS, 2011, p. 5.

marcantes de fácil assimilação e repetição. Um ensaio ou peça do Congo é chamado de Puxada. No final dos anos 80, O Cantor Martinho da Vila gravou a toada “Madalena do Jucu”<sup>34</sup> em ritmo de samba popularizando a manifestação do Congo.<sup>35</sup>

Os mestres de Congo são os regentes das bandas. São os responsáveis por dar continuidade à tradição desta cultura popular e através da oralidade repassam os conhecimentos para novas gerações.<sup>36</sup> Lideram a banda marcando o ritmo, conduzindo as peças com chocalhos, apitos ou buzinas (espécie de megafone metálico artesanal). Alguns são artesãos e produzem os instrumentos da banda.

As rainhas e princesas do Congo são mulheres que dançam e cantam as músicas ao som dos tambores devidamente ornamentadas com vestes típicas. Algumas delas carregam bandeiras e estandartes com símbolos da banda ou do padroeiro homenageado. “O elemento especial da Rainha é que ela dança carregando a bandeira da Banda, combinado sempre ao santo ou santa a que a Banda de Congo está associada”.<sup>37</sup> Os trajes dessas mulheres são compostos de vestidos longos com saias compridas que, durante a dança, se abrem dando um belo efeito visual, rodando e girando conforme o ritmo da música.

#### **4. Principais festividades na região metropolitana**

As principais festividades que envolvem a manifestação de Congo Capixaba na região metropolitana de Vitória no Espírito Santo têm cunho religioso. Sobre as festas religiosas, Mircea Eliade em seu livro *O sagrado e o profano* estabelece a relação das festividades com os mitos:

A festa religiosa é a reatualização de um acontecimento primordial, de uma “história sagrada” cujos atores são os deuses ou os Seres semi-divinos. Ora, a “história sagrada” está contada nos mitos. Por conseqüência, os participantes da festa tornam-se contemporâneos dos deuses e dos Seres semi-divinos. Vivem no

---

<sup>34</sup> VILA, Martinho da. *Madalena do Jucu*. Álbum: O Canto das Lavadeiras. CBS, 1989. Faixa 2 (3:41 min).

<sup>35</sup> MACEDO, 2013, p. 2.

<sup>36</sup> SANTOS, 2011, p. 8.

<sup>37</sup> SOUZA, 2005, p. 127.

Tempo primordial santificado pela presença e atividade dos deuses. O calendário sagrado regenera periodicamente o Tempo, porque o faz coincidir como o Tempo da origem, o Tempo “forte” e “puro”. A experiência religiosa da festa, quer dizer, a participação no sagrado, permite aos homens viver periodicamente na presença dos deuses.<sup>38</sup>

Essa característica mítica de representação da histórica sagrada vivida pelos antepassados é representada pelas principais festividades da região da Grande Vitória:

A festa de São Benedito do município da Serra tem caráter pagão-religioso. A Festa está presente no calendário serrano desde 1836 e, segundo a tradição, teve origem após o naufrágio de um navio na costa do Espírito Santo, os sobreviventes atribuíram o socorro a São Benedito. A festa é realizada anualmente e é acompanhada por milhares de pessoas. Na preparação deste festejo acontecem rituais simbólicos de cortada, puxada, fincada e derrubada do mastro. Este simboliza o mastro do navio que serviu de apoio aos escravos no naufrágio e também eleva o estandarte do santo homenageado que é cravado no centro do local de festividade, em frente à Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do município. Todos os momentos rituais são acompanhados por bandas de Congo.<sup>39</sup>

A “cortada” do mastro acontece no primeiro domingo após o dia 8 de dezembro (dia da padroeira da cidade), devotos de São Benedito vão até as matas da Serra-sede e fazem a corta de um tronco de árvore que será o mastro da festa. Um tronco verde é trazido da mata sendo arrastado por bois enfeitados com ramos e flores. O trajeto é acompanhado por cavaleiros e devotos ao ritmo das Bandas de Congo.

A “puxada” do mastro acontece no dia 25 de dezembro, prosseguem-se os festejos, com a procissão de São Benedito. Após a procissão, fiéis vão até um local buscar uma réplica de navio (que simboliza o navio negreiro feito em cima de um carro de boi) que

---

<sup>38</sup> ELIADE, Mircea. *Osagrado e o profano*. [tradução Rogério Fernandes]. – São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 55.

<sup>39</sup> ASSOCIAÇÃO DE BANDAS DE CONGO DA SERRA, c2013.

carrega o mastro da festa, este todo decorado e enfeitado com bandeirinhas. O navio leva o nome de “Palermo” em homenagem à cidade onde São Benedito viveu seus últimos anos de vida, que era a Capital de Sicília, Itália. Sobre o navio, seguem algumas crianças com vestes de marinheiro. O navio é puxado através de uma corda pelos fieis pagadores de promessas pelas ruas principais da cidade da Serra.

O ápice da festa é a “fincada” do mastro, que acontece no dia 26 de dezembro, o mastro é retirado do navio e é cravado em frente à igreja Matriz. Neste momento, mesclam o sagrado e o profano. A fincada do mastro também é celebrada com a queima de fogos de artifício. A festa no município segue com apresentações de bandas musicais, barracas de comida e bebidas. A última etapa da Festa de São Benedito acontece no domingo de páscoa, quando é feita a “derrubada”, que é a retirada do Mastro que ficou durante todo esse tempo em frente à Igreja Matriz.

Em seu livro, Eliade menciona o simbolismo do mastro, representado pelo poste sagrado para alguns povos. O “poste representa um eixo cósmico, pois foi à volta dele que o território se tornou habitável, transformou-se num ‘mundo’. Daí a importância do papel ritual do poste sagrado”. O poste ou mastro representa uma coluna cósmica, uma ligação da terra com o céu, com o sagrado e o local onde se localiza o poste que representa o centro do mundo “*Axismundi*”.<sup>40</sup>

A Festa de São Benedito e São Sebastião em Nova Almeida também no município da Serra acontece entre os dias 18 a 20 de janeiro. É uma festa profano-religiosa que atrai milhares de pessoas entre moradores, turistas e admiradores da cultura popular. O festejo mistura fé, devoção e a alegria das celebrações com cantos e danças ao ritmo dos instrumentos de Congo. Durante o período do evento, acontecem missas na histórica igreja e Residência dos Reis Magos. O ápice do festejo acontece no dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião. Várias bandas seguem em procissão pelas ruas do distrito de Nova Almeida na Serra ao lado da réplica do navio “Palermo”. À margem do rio Reis Magos, o público aguarda a procissão marítima que traz o principal símbolo do festejo, o mastro. Ele é colocado pelos devotos na réplica do navio que continua a procissão até a praça da Igreja Reis Magos ao som do Congo Capixaba. A “fincada” é o momento de celebração com cantos e danças, seguida pela queima de fogos.

---

<sup>40</sup> ELIADE, 1992. p. 23.

A “fincada” do mastro de São Benedito na Barra do Jucu no município de Vila Velha acontece todos os anos no mês de dezembro e a “retirada” no mês de janeiro. Um mastro é carregado nas costas dos guardiões, seguido de um cortejo da banda de congo e outros participantes para fincá-lo em um local determinado pelo grupo. Geralmente saem da casa onde ficam guardados os tambores para chegar ao destino final que é local determinado para acontecer o ritual de fincada. O ápice da festa é a “fincada” do mastro, da qual Macedo descreve a religiosidade do momento:

Ao chegarem ao local de fincada, colocam os tambores no chão em forma de círculo, enquanto os guardiões fincam o mastro em um buraco. Este é, sem dúvida, o momento mais importante da festa. Ouvem-se fogos, aplausos, risos e choros e a música não cessa. Alguns devotos aproximam-se do mastro apoiando suas mãos e fazendo orações, outros tentam a qualquer custo arrancar as fitinhas amarradas no mastro, algumas com medalhinhas de São Benedito.<sup>41</sup>

Macedo também destaca o caráter profano do festejo onde o consumo de álcool é uma prática comum e antiga. “Alguns conquistas inclusive mantêm o costume de banhar o mastro com vinho no momento da fincada, uma espécie de oferenda ao santo”.<sup>42</sup> Porém, esta não é uma prática aprovada por todos os praticantes do Congo. Os devotos se sentem incomodados com essa situação e apontam que o consumo exagerado de álcool provoca consequência para a difusão da manifestação e desenvolvimento das apresentações. “Nesse espaço expressivo de devoção e lazer por fim, o sagrado e o profano se complementam”.<sup>43</sup>

O Carnaval de Congo no município de Cariacica, conhecido também como Carnaval de Máscaras, é um festejo popular que se realiza em Roda d’Água. É realizado observando o calendário religioso: Durante os festejos de Nossa Senhora da Penha, a padroeira do Espírito Santo, que acontece oito dias após o domingo de páscoa. As memórias dos mestres das bandas de congo ressaltam que o Carnaval era realizado em forma de cortejo, no qual escravos fugidos que viviam na região se fantasiavam e saíam tocando tambores pelas ruas. O festejo fazia uma alusão à Folia de Reis.<sup>44</sup>

---

<sup>41</sup> MACEDO, 2013, p. 95.

<sup>42</sup> MACEDO, 2013, p. 96.

<sup>43</sup> MACEDO, 2013, p. 97-98.

<sup>44</sup> SILVA, 2015, p. 162.

Atualmente a festa se inicia com uma procissão em homenagem à Nossa Senhora da Penha, na qual a frente da procissão segue um andor com a imagem da Santa seguida de uma missa (realizada pela manhã) acompanhada de cantos religiosos acompanhados por instrumentos de Congo. No período da tarde, as bandas de congo vão ao encontro do mastro que as identifica no local de concentração, um campo de futebol na região de Roda D'água. Neste momento há a interação entre as bandas e público presente. As apresentações são espontâneas e agitam o evento. Devoção e diversão compõem a mesma estrutura cultural.<sup>45</sup>

Durante o momento de festejos na parte tarde, vários devotos vão até a imagem da padroeira, colocada em uma capela no local do evento, para fazerem orações e pedir bênçãos. Transita na festa a figura de um personagem mascarado vestido com tecido de chita e folhas de bananeira, o “João Bananeira” ou “Zé Bananeira” é uma figura típica deste festejo. Em relação ao personagem, Silva, menciona em seu estudo:

Relatos contam que um fazendeiro desejava participar do carnaval de congo, porém receava ser reconhecido, como solução ele produziu roupas de bananeira, para ir à festa e não ser reconhecido. Uma segunda versão é que os escravos se mascaravam para participarem da festa sem serem reconhecidos. Como a principal produção agrícola da região é a banana, a matéria-prima para a confecção das fantasias, as folhas da bananeira, era de fácil acesso. Por isso surge o nome do personagem João Bananeira, principal símbolo do Carnaval de Congo do município de Cariacica.<sup>46</sup>

O personagem se tornou ícone da cultura popular do Município. O financiamento público da Cultura no âmbito do município de Cariacica é regido pela Lei Municipal de Incentivo Financeiro à Cultura João Bananeira, Lei nº 5.477/2015.<sup>47</sup> A lei

---

<sup>45</sup> SILVA, 2015, p. 163.

<sup>46</sup> SILVA, 2015, p. 163.

<sup>47</sup> CARIACICA, *Lei nº. 5.477*, de 13 de outubro de 2015. Dispõe sobre a criação da lei municipal de incentivo financeiro à cultura – Lei João Bananeira, Cariacica/ES, e dá outras providências. Cariacica, 13 de outubro de 2015. Disponível em: <<http://www.legislacaoonline.com.br/cariacica/images/leis/html/L54772015.htm>> Acesso em 06 dez. 2015.



recebeu o nome de João Bananeira em homenagem ao tradicional personagem do Congo Cariaciquense, na região de Roda D'Água.

A festa de Carnaval de Congo e Máscaras também é composta por apresentações culturais diversas, barracas com comidas e bebidas e queima de fogos. “O encerramento do festejo acontece após as dezoito horas, quando todos os mestres sobem ao palco para entoarem, juntos, a música “Ia iá você vai a Penha”. No meio da plateia as bandas também tocam todas juntas.<sup>48</sup>

Nas festividades, percebe-se a religiosidade e rituais como estruturas e fundamentos. Porém, as manifestações populares do Congo Capixaba não se prendem apenas ao vínculo religioso. Ao homenagear os seus santos, os congueiros celebram a vida e suas raízes como uma forma de resistência cultural de caráter profano.

## **5. Influências da cultura de congo na produção artística**

A produção artística e artesanal local é influenciada pela principal expressão cultural popular do Espírito Santo. São poemas, livros, músicas, encenações, pinturas, esculturas, peças de cerâmica e souvenirs inspirados pelo folclore capixaba.

A cultura de Congo inspirou alguns monumentos na região metropolitana. A estátua “Guerreiro Zulu” do Artista Irineu Ribeiro, tem a forma de uma casaca. O monumento se encontra em frente à Assembleia Legislativa do Espírito Santo em Vitória - ES. A estátua “João Bananeira” do Artista Zuilton Ferreira representa o típico personagem do Congo de Roda D'Água. O monumento se encontra no pátio do Centro Cultural Frei Civitella di Trento em Cariacica – ES.

No cenário musical, a toada “Madalena do Jucu” ganhou fama nacional na gravação do cantor Martinho da Vila em seu álbum “O Canto das Lavadeiras”. Na música Pop, é notória a influência cultural e rítmica da batida do Congo na musicalidade de conjuntos como as bandas Casaca, Manimal e Cia Cumby.

---

<sup>48</sup> SANTOS, José Elias Rosa dos. Carnaval de Congo e Máscaras: construção e reconstrução de um ritual. In: I SIMPOSIO INTERNACIONAL E II NACIONAL SOBRE ESPACIALIDADES E TEMPORALIDADES DE FESTAS POPULARES. 2013, Goiânia. *Anais...* Goiânia: LABOTER UFG, 2013. p. 320. Disponível em: <[https://laboter.iesa.ufg.br/up/214/o/Ebook\\_SIMCA.pdf](https://laboter.iesa.ufg.br/up/214/o/Ebook_SIMCA.pdf)> Acesso em: 26 mar.2016.

Nas produções artísticas citadas não se observa diretamente o objeto religioso na divulgação da cultura do Congo. Isso evidencia que mesmo respeitando as raízes culturais e religiosas da manifestação, a cultura de Congo pode ser expressa evidenciando suas características culturais, folclóricas e musicais.

### **Considerações finais**

O Congo é uma das principais manifestações culturais do Estado do Espírito Santo. Sua origem deriva das três matrizes culturais brasileiras: dos índios, dos negros e do europeu. Existem poucos registros históricos para precisar sua formação. Porém as semelhanças religiosas, musicais e até mesmo o nome da manifestação remontam as congadas, festejos realizados pelas irmandades de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos homens pretos. Estas irmandades foram marcadas pelas associações de povos de mesma origem, que buscavam uma reorganização sociocultural com a eleição de novas lideranças ou “coroação” de reis negros. As irmandades reforçam o sincretismo religioso cultuando santos católicos para que os associados pudessem manter tradições, devoções e celebrações de origem africana sendo traduzidas e aceitas pelo catolicismo dominante e sociedade escravocrata.

No Espírito Santo a manifestação caracteriza uma expressão folclórica do povo capixaba, um modo de afirmação de identidade cultural principalmente para a população de origem africana. As festas em homenagem a São Benedito, santo protetor, amigo e salvador dos escravos são marcadas pela musicalidade, dança e rituais que contam a história dos antepassados em caráter religioso e festivo.

Apesar da essência religiosa de homenagem aos santos católicos, dentre eles São Benedito, São Sebastião e Nossa Senhora, a expressão cultural do Congo transita entre o sagrado e profano. Os rituais das festividades de Congo misturam aspectos religiosos e de celebração. Porém, nem todas as apresentações desta cultura tem caráter religioso. Os praticantes tocam, brincam e mantem as tradições culturais dançando e cantando também toadas não religiosas, o que consolida o ritmo como um estilo musical que influencia músicos do cenário cultural regional e nacional.

O Congo Capixaba se desenvolveu de modo peculiar, com instrumentos característicos, com formas espontânea de cantar e dançar, melodias simples, ritmo contagiante e dançante, cantigas com refrãos de fácil assimilação. A manifestação capixaba não

expressa apenas a fé e religiosidade dos praticantes, mas é também uma forma de expressão, resistência e afirmação através cantos e danças populares que versam sobre o amor, sobre a história do povo e suas raízes, sobre a natureza, a vida e a alegria de dançar ao som dos tambores.

A estética visual da recepção da cultura de Congo Capixaba carrega diversos elementos da cultura afro-brasileira. A semelhança das vestimentas, cantigas e ritmos dançantes acompanhados de instrumentos musicais como tambores, que também são usados em manifestações religiosas de origens africanas, gera estranhamento nos espectadores desconhecedores da história, da cultura e de religiões afro-brasileiras ocasionando interpretações equivocadas, caracterizando diversos preconceitos, entre eles os sociais, raciais e principalmente o religioso, fato este que impede a difusão de maneira mais ampla desta expressão cultural tão rica e significativa para os envolvidos e para o Estado. Porém, para os apreciadores das manifestações populares e da cultura afro-brasileira a tradição do Congo é uma forma de resistência cultural, contagiante pela musicalidade e pela beleza que se apresenta, repleta de singularidades marcantes na tradição capixaba. As influências do Congo nas produções artísticas capixabas ajudam a divulgar e construir uma identidade cultural do povo espírito-santense.

## Referências

ASSOCIAÇÃO DE BANDAS DE CONGO DA SERRA. *Festas*. Serra: c2013. Disponível em: <<http://www.abcserra.org.br/festas.html>> Acesso em: 13 jan. 2016.

BRUYM, Maria José Carmo Alves de; MARTINS, Lizete Caires Barros. *Festa da Banda de Congo de São Benedito de Piranema Cariacica: Transição do século XX ao XXI e sua representação para a comunidade local*. 2010. 72p. Trabalho de conclusão de curso (monografia) – Graduação da Licenciatura em História. Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Teixeira de Freitas, 2010.

CARIACICA, *Lein*<sup>o</sup>. 5.477, de 13 de outubro de 2015. Dispõe sobre a criação da lei municipal de incentivo financeiro à cultura – Lei João Bananeira, Cariacica/ES, e dá outras providências. Cariacica, 13 de outubro de 2015. Disponível em: <<http://www.legislacaoonline.com.br/cariacica/images/leis/html/L54772015.htm>> Acesso em 06 dez. 2015.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FREITAS, Dagmar Alves de. *O Carnaval de Congo de Roda d'Água*. 2007. 189 f. Dissertação de (mestrado) - Curso de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Administração e Comunicação da Universidade de São Marcos. São Paulo, 2007.

GARCIA, A. L. *A identidade capixaba em questão: uma análise psicossocial*. Psicologia & Sociedade, Belo Horizonte: Associação Brasileira de Psicologia Social, v. 16, n. 3, p. 82-90, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v16n3/a10v16n3.pdf>>. Acesso em: 27 mar.2016.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 11 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

MACEDO, Inara Novaes, *A espetacularização do congo no Espírito Santo*, Revista do Colóquio de Arte e Pesquisa do PPGA-UFES, ano 3, v. 3, n. 7, dezembro de 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/colartes/article/view/7686/5479>>. Acesso em: 27 mar.2016.

NEVES, Reinaldo Santos (Org.). *Coletânea de estudos e registros do folclore capixaba: 1944-1982*. v.2. Guilherme Santos Neves. Vitória: Centro Cultural de Estudos e Pesquisas do Espírito Santo, 2008.

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. *Folclore*. Vitória: c2015. Disponível em:

<<http://www.es.gov.br/EspiritoSanto/paginas/folclore.aspx>> Acesso em: 06 dez. 2015.

ROLDI, Ana Paula Dias Pazzagli, *A Educação Ambiental nos encontros do Congo com os cotidianos escolares de uma Escola Municipal da Barra do Jucu, Vila Velha, ES*. 2014. 138 f. (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. Vitória, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.ufes.br/jspui/handle/10/1133?mode=simple>> Acesso em: 28 mar. 2016.

SANTOS, José Elias Rosa dos. Carnaval de Congo e Máscaras: construção e reconstrução de um ritual. In: I SIMPOSIO INTERNACIONAL E II NACIONAL SOBRE ESPACIALIDADES E TEMPORALIDADES DE FESTAS POPULARES. 2013, Goiânia. *Anais...* Goiânia: LABOTER UFG, 2013. p. 309-329. Disponível em: <[https://laboter.iesa.ufg.br/up/214/o/Ebook\\_SIMCA.pdf](https://laboter.iesa.ufg.br/up/214/o/Ebook_SIMCA.pdf)> Acesso em: 26 mar.2016.

\_\_\_\_\_. Processos organizativos, memória e identidade: etnografia e história da transmissão cultural do congo em uma comunidade afro-brasileira-Cariacica (ES). In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS. 2011, Vitória. *Anais...* Vitória: UFES, 2011. Disponível em:

<<http://periodicos.ufes.br/SNPGCS/article/view/1475>> Acesso em: 26 mar.2016.

SILVA, Patrícia Santos; LOUREIRO, Andressa Maria Rodrigues. *Carnaval de Congo de Roda D'água: cultura e memória de um povo*. In: II Encontro Regional dos Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência e Gestão da Informação - II EREBD SE/CO/SUL, 2015, São Carlos. Anais... São Carlos: UFSCR, 2015. p. 161-166.

Disponível em:  
<<http://www.2erebd.ufscar.br/index.php/erebd/erebd/paper/view/47>>.  
Acesso em: 27 mar.2016.

SOUZA, Edileuza Penha de. *Tamborizar: história e afirmação da auto-estima das crianças e adolescentes negros e negras através dos tambores de congo*. 2005. 190 f. Dissertação de (mestrado) - Departamento de Educação no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Teixeira de Freitas, 2005. Disponível em:  
<[http://www.cdi.uneb.br/pdfs/educacao/2005/eileuza\\_penha\\_de\\_souza.pdf](http://www.cdi.uneb.br/pdfs/educacao/2005/eileuza_penha_de_souza.pdf)>. Acesso em: 20 fev. 2016.

TYLOR, Edward Burnett. *Primitive culture: researches into the development of mythology, philosophy, religion, language, art, and custom*. London: Murray, v. I. 1920. Disponível em:

<<https://archive.org/stream/primitiveculture01tylouoft#page/n17/mode/2up>> Acesso em: 06 dez. 2015.

UNESCO. Patrimônio Cultural Imaterial. Brasília: c2016. Disponível em:  
<<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/intangible-heritage/>> Acesso em: 26 mar. 2016.

VILA, Martinho da. *Madalena do Jucu*. Álbum: O Canto das Lavadeiras. CBS, 1989. Faixa 2 (3:41 min).

XAVIER FILHO, José Luiz. *Identidade negra no contexto pós-colonial: Construção do sujeito negro*. VII Simpósio Nacional de História Cultural – “Escritas, Circulação e Recepções”. 2014, São Paulo. Anais... São Paulo: Universidade de São Paulo - USP, 2014. p.1-13. Disponível em:

<<http://gthistoriacultural.com.br/VIIsimposio/Anais/Jose%20Luiz%20Xavier%20Filho.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2016.